



Poesia Feminina do Século XIX no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

Femenine Poetry in the 19th century in Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro

MARIA MANUELA LOURENÇO
CLEPUL/Universidade de Lisboa



Resumo: Este curto ensaio toma por objecto a colaboração feminina do século XIX no *Almanaque Luso-Brasileiro de Lembranças*. Destacam-se como grandes núcleos temáticos a poesia confessional, a poesia reflexiva, a poesia de circunstância, a intercomunicação literária e os temas da Literatura. Verifica-se, porém, a escassez dos temas políticos e sociais e ainda da poesia satírica.

Palavras-chave: Poesia feminina; Século XIX; *Almanaque Luso-Brasileiro de Lembranças*

Abstract: This short essay is about the feminine poetry at XIX th century in the *Almanaque Luso-Brasileiro de Lembranças*. It is given special attention to the main thematic nucleus: the poetry about the self, the reflexive poetry, circumstantial poetry and the intercommunicative poetry. But it is noticed the absent of the satiric poetry.

Keywords: Feminine Poetry; 19th Century; *Almanaque Luso-Brasileiro de Lembranças*

*D'onde vem? plagas remotas
atravessaram as notas
que me enleiam de prazer!
Esta doçura divina,
só d'uma harpa feminina
se podia desprender!*

D. LUIZA AMELIA, 1878

A presente comunicação tem por objecto as temáticas da poesia feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*, tendo tomado por *corpus* os textos publicados no século XIX. Dado o volume dessa colaboração e os limites impostos a este curto ensaio, a mesma funciona mais como um levantamento de possíveis linhas de investigação proporcionadas por este lirismo feminino.

A colaboração das senhoras foi dividida por géneros que servem de organização ao enunciado:

- Poesia confessional;
- Poesia reflexiva;
- Poesia de circunstância;
- Intercomunicação literária e temas da literatura;
- Considerações finais.

Poesia confessional

Um dos temas mais caros ao confessionalismo é o desengano, com variáveis como a desilusão, a frustração da

esperança e a submissão a uma sina que faz da efemeridade a nota dominante de todas as alegrias. O desengano pode resultar do desencanto perante o mundo, da desilusão amorosa, da transição dorida de um passado feliz para um presente de mágoa, da perda de um ente querido, da decepção face à amizade de outra mulher. De tudo isto advém a grande amargura do sujeito lírico, o luto da alma e o comprazimento na dor. Tal pessimismo é reiterado pelo recurso a motivos como a taça de fel, os punhais, o pranto, as queixas magoadas, a lira gemebunda, os agouros. A natureza, servindo como cenário e enquadramento, ora está em conformidade com o estado de alma do sujeito: as trevas, o mar alterado, a tempestade, as aves agoirentas; ora se apresenta uma natureza idílica que faz sobressair ainda mais a impossibilidade de o sujeito se alegrar. Imagens como a passagem do sonho ao despertar, da infância à idade adulta, o tópicos da flor pendida, sem viço e sem cor, o código simbólico das flores, com destaque para o martírio e para a violeta, atestam o predomínio da

desventura sobre a felicidade. Veja-se o excerto que aqui se inclui e que assenta precisamente na exploração desses contrastes:

Eu Sou o goivo triste e lacrimoso,
que da morte no chão se desfolhou;
tu és o lyrio branco e gracioso,
que, sorrindo, na vida despontou.

Eu sou a rola enferma, angustiada
procurando morrer na solidão;
tu és a philomela enamorada
desferindo de amor doce canção.

Eu sou a luz d'um cyrio vacillante,
Os despojos da morte a allumiar;
tu és linda aurora deslumbrante;
um hymno da natureza a despontar.

Eu sou o duro espinho da saudade,
a queixa que traduz negra aflição;
tu és astro que luz na immensidão,
um prodígio de Deus em perfeição.

[...]

(Dona A.E. d'Almeida Brito, *ALLB*, 1880: 133-134)

O saudosismo, embora surja tratado como uma faceta do próprio desengano, também se impõe como assunto individualizado em muitas composições. A lembrança pungitiva dum bem ausente liga-se a matérias como o exílio da terra natal, a separação da pessoa amada ou amiga, causada pela morte ou pela ausência. A contemplação da natureza, às vezes eleita como confidente, é pretexto para o surgimento de pensamentos de saudade. Noutros casos, interpela-se ou invoca-se a própria saudade personificada para discorrer sobre o seu poder vivificante, pretexto para a criação poética.

O lirismo amoroso é um tópico presente em inúmeros textos, pese embora alguma monotonia nos motivos a ele associados. Por um lado, a disforia resultante da separação dos amantes, da ausência, da incorrespondência de sentimentos e da própria dor de amar. Por outro, está patente a euforia do sujeito que se sabe amado, reiterando-se em sucessivos poemas as juras de amor eterno ou a afirmação da constância dos sentimentos. Os olhos, veículos de perdição e/ou de alento, estão quase omnipresentes, assim como a imagem da borboleta que queima as asas, tal como o sujeito queima o coração. Enfim, é manifesta a infinita dedicação no amor, o idealismo e o sentimentalismo, expressos nos desabafos dessa amorosidade singela e, por vezes, ingénua.

Ao confessionalismo associa-se também o sentimento da natureza, tema idílico e sensorial em que o sujeito se refere ao enlevo sentido face ao espectáculo da natureza, local onde é possível encontrar o ideal. A beleza da paisagem campestre, a apologia da vida campesina, a

harmonia do canto do rouxinol, o elogio das árvores, o diálogo com as flores e com o mar são vertentes do deleite sentido face à natureza, inscrevendo estas composições numa tradição já antiga do lirismo peninsular que remonta ao medievalismo. A natureza ordenada e luminosa dos quadros bucólicos e idílicos, a que não faltam algumas notas pastoris, além de se ligar à *aurea mediocritas* de Horácio, é tomada como espelho do Criador. Amar a natureza é crer em Deus, a perfeição aí observada é manifestação da vontade e da bondade divinas, o que suscita um sentimentalismo de feição mística que impele o sujeito a louvar a Deus.

De índole mística são também os textos em que estão presentes as visões e/ou a visita de anjos e arcanjos protectores que guiam e protegem o sujeito e a quem se confia o destino, garantindo que ao sofrimento na terra sucederá a ventura no céu, bem como os Hinos à Virgem, tema religiosa de grande tradição literária em Portugal.

Poesia reflexiva

Do *corpus* estudado faz parte um número considerável de composições com vocação meditativa e que conduzem, afinal, a um tema muito caro à Literatura: a transitoriedade. Glosa-se, em diferentes perspectivas, a ideia de que nada que seja humano é duradouro, contando-se aí a juventude, a beleza, o amor, a felicidade e a própria vida. Assim, através de tópicos como as estações do ano, o fim da tarde, o ocaso; a pretexto de um retrato, de uma ida ao cemitério, da contemplação do mar e do berço, ou tomando símbolos consagrados como a rosa, o toque dos sinos e as notas de uma flauta, estas senhoras vão discorrendo sobre as fases da vida, que, ao contrário da natureza, não se renova; sobre a infância como o único tempo de verdadeira felicidade; sobre a fragilidade do homem face à inexorabilidade do tempo e da morte. De tudo, os únicos despojos são a saudade e as recordações.

Há depois um conjunto de reflexões mais heterogéneas, abrangendo temas abstractos como a caridade, a bondade, o ciúme, a esperança, a desilusão, os afectos, a amizade e o amor filial ou paternal. O Amor e os seus contrastes e paradoxos merecem também a atenção das autoras. Um poema aborda a Guerra, monstro ensanguentado que devora as nações, mergulhando-as no horror. Outro conclui que, no cemitério, deixa de haver distinções sociais. Por último, o labor poético e artístico também serve de mote a esta poesia reflexiva.

Poesia de circunstância

É na poesia de circunstância que este lirismo feminino mais se individualiza, precisamente por nela se

dar se dar expressão a sentimentos que nascem da fusão do mundo exterior com o interior, numa manifestação despreziosa de ternura pelas coisas simples e belas. Através desta temática entrevê-se um pouco do quotidiano destas mulheres.

Versos dedicados por ocasião do aniversário da mãe, da irmã, da amiga, dos filhos, dos sobrinhos, do marido, atestam uma poesia de feição votiva em que os risos, as flores, os poemas em lugar das prendas são reveladores das redes de afectos destas senhoras. Ocasões como a primeira comunhão, a mãe deleitada que entoia uma canção de embalar, as saudades enviadas aos convalescentes, são manifestações do quotidiano e da intimidade de senhoras que, além de poetisas, são mães, esposas e amigas.

Frequentemente, estes textos assumem uma feição panegírica ou encomiástica, louvando-se as virtudes físicas e/ou morais da pessoa a quem é dedicada a composição. O mesmo sucede em textos que remetem para uma vivência cultural: exaltação dos dotes vocais de uma cantora lírica, da excelência de uma pianista, dos méritos de uma actriz. Há inclusivamente três poemas a propósito do centenário de Camões, um deles, de Amélia Janny, recitado num sarau no Teatro Académico.

Sendo a morte uma circunstância da vida, muitos são os textos em que ela surge, conferindo-lhes, neste caso, um pendor elegíaco a que se pode ligar ou não a intenção panegírica. As colaboradoras do *Almanaque* conheceram a orfandade decorrente da perda do pai ou da mãe, a viuvez, a dor de perder um filho, e sublimaram esse sofrimento nos seus versos. Sentiram o choque e a consternação perante as vidas ceifadas abrupta e precocemente. Há, portanto, muitos textos cuja tónica é o pranto sentido pela perda dos entes queridos. Porém, nem só a morte das pessoas das suas relações mereceu tratamento poético. Anote-se a solidariedade demonstrada ao editor, António Xavier Rodrigues Cordeiro, a quando do falecimento da sua esposa e da sua mãe, bem como a sentida homenagem que lhe foi prestada quando ele próprio faleceu. Enfim, em muitos casos, a poesia surge como paliativo na dor causada pela experiência da morte.

Goivos

Sobre a campa da ex.ma sr.a D. Maria da Piedade Moreira Freire de Aboim Cordeiro, esposa do Dr. António Xavier Rodrigues Cordeiro

Musa! Sócia das minhas alegrias,
De todos os meus íntimos prazeres!
O' Musa, a cuja voz esqueço azares
Enlevada nas santas harmonias;

Não receies do Oceano as ventanias!
Agita as plumas, e, cruzando os ares,
Vai teus prantos verter nos ermos lares
De quem soluça as fundas agonias!

Procura após a mal cerrada lousa
Em que, longe dos seus ella repousa,
Saudosa, envolta n'um sonhar celeste!

Não chores ante o plácido retiro!
Não despertes a martyr! Teu suspiro
Se confunda ao suspiro do cypreste!...

(D. Annalia Vieira do Nascimento, *ALLB*, 1887: 211)

Intercomunicação literária e temas literários

A intercomunicação literária entre os colaboradores do *Almanaque* oferece um interessante tema. Muitos são os textos dedicados não só às colaboradoras femininas, como também aos autores masculinos. Para além das composições em que é o paratexto que estabelece esse diálogo, explicitando o oferecimento, há outras composições em que a intercomunicação é o assunto do próprio poema. Os intuitos são muito diversificados: agradecer um poema publicado no *Almanaque*, com indicação precisa do ano e da página; a decifração de passatempos; felicitar dos colaboradores pela qualidade poética dos seus textos; incitar ao cultivo da poesia; afirmar a humildade poética; reconhecer o outro como irmão na poesia.

Grandes figuras da literatura são também tomadas como assunto poético: Bocage; Garrett; Soares de Passos; Tomás Ribeiro; Casimiro de Abreu; Victor Hugo; Castilho; Camões... Nestes casos, os textos assumem, de novo, um forte pendor panegírico. A intertextualidade está também presente: um poema toma como motivo Laura de Petrarca; outro a Natércia de Camões; um outro Cecy de Alencar... Aliás, *O Guarany*, de Tomás de Alencar, é enaltecido por duas senhoras, Albertina Gonçalves Crespo e Rosália Sandoval, a propósito da ópera inspirado nesse poema composta pelo maestro Carlos Gomes.

Ainda neste âmbito, saliente-se a “Epístola ao Sr. António Xavier Rodrigues Cordeiro”, de Annalia Vieira do Nascimento, que retoma a tradição da carta em verso. Reflectindo sobre o culto da poesia, passando pelo Arcadismo, pelo Romantismo e pelo Realismo. Termina afirmando que, não podendo ser romântica, nem realista por lhe faltar o talento, dedicar-se-á apenas aos logogrifos. Esta epístola dará, depois, origem a um texto de Anna Ribeiro de Bittencourt, em que esta censura Annalia pela sua modéstia, comparando-a a Casimiro de Abreu e recomendando-lhe, ainda, alguns temas a cultivar:

[...]
Poderei acaso um dia,
No caminho triumphal,
Ter a luz que se irradiia
De Junqueiro e de Quental?!

Jámais! As grandes alturas
Vedadas me são, bem sei;
Caminharei nas planuras
E d'isso não passarei!

Não basta ter sentimento,
Elevada inspiração:
é mister muito talento
com profunda erudição!

Não posso ao lyrismo dar-me,
Nem posso ser realista:
É a minha sina occupar-me
Sempre em ser logographista!

[...]

(D. Annalia Vieira do Nascimento, *ALLB*, 1880: 228-230)

É de diálogo literário que estes poemas tratam, sendo que os paratextos oferecem ainda uma outra dimensão muito interessante para ser estudada: as epígrafes, as dedicatórias, as explicações sobre as situações que deram origem aos poemas. Enfim, as páginas do *Almanaque*, nestes casos, podem ser equiparadas às salas de conversação actuais na Internet.

Considerações finais

Em jeito de conclusão, anatem-se as excepções de que também é feita esta colaboração feminina. Embora as questões sociais e políticas não tenham grande expressão, há alguns textos que abordam estes assuntos. Marianna de Andrade publica um texto contra o progresso e a emancipação das mulheres, veiculando a ideia de que a verdadeira emancipação se consegue no lar, educando os filhos, cultivando a virtude e os encantos feminis. Maria Rita Chiappe Cadet publica alguns poemas com nítido fundo moralista, fazendo a apologia de virtudes como a caridade ou a humildade. Um texto retrata o quadro comovente da mãe mendicante que não consegue alimentar os filhos, um outro dá conta do pungimento causado por uma senhora idosa abandonada à sua sorte.

A intenção morigeradora de alguns textos assenta frequentemente num suposto diálogo, por exemplo uma mulher mais velha que se dirige a uma jovem, explanando normas de conduta social e moral, o que confere ao discurso um certo didactismo.

O Ultimato Inglês de 1890 foi o único assunto político a merecer tratamento poético. Georgina de Carvalho e Marianna Coelho fizeram publicar poemas em que a exaltação patriótica, motivada pela humilhação de Portugal pela Inglaterra, é veemente. No caso de Marianna Coelho, além dos versos, destaque-se a carta que os precede e em que está bem patente a indignação sentida:

Este ano chego cedo e foi a indignação que me fez
madrugar.

Não sympathiso com a politica, não a entendo, nem
tenho a ridícula pretensão de a entender. Mas o que
entendo e sinto é o insulto feito ao meu paiz pelos
que tiraram a vida a Joanna d'Arc, Carlos I e Maria
Stuart. O que sinto e entendo é que se as senhoras não
teem força para defender a sua pátria teem coração
para amal-a.

Os versos que lhe envio são a expressão leal dos meus
sentimentos. Desculpe o que lhes falta em arte pelo
que lhes sobra em amor pátrio.

Creia-me sempre,
Georgina Carvalho

Seguem-se depois os referidos versos, dos quais se
transcreve o seguinte excerto:

[...]

Nobre Portugal, da altiva fronte,
cospe o insulto, e mostra ao povo inglez
que valem por canhões e couraçados
a coragem e o orgulho portuguez!

Portugal, que eles acham tão pequeno,
podes dar-lhes lições d' história e leis,
nunca foste tyranno com os fracos,
nem ergueste um patíbulo aos teus reis.

Não deixemos que as quinas gloriosas,
estrangeiro brutal ouse offender:
se não temos esquadras, nem torpedos,
temos peitos leaes p'r'as defender.

[...]

(D. Georgina Carvalho, *ALLB*, 1890: 194-195)

A poesia satírica e a poesia jocosa estão praticamente ausentes da colaboração das senhoras. Há apenas a assinalar dois exemplos: “O Rei da Criação”, de Georgina de Carvalho” que denuncia a frivolidade, a tacanhez e a leviandade do homem burguês, sem nada na cabeça, nem no coração, em comparação com os grandes homens do passado, e “Mistérios de Toucador”, de Marianna Angélica de Andrade, que denuncia os artifícios femininos com que se enganam os homens:

Cassilda foi ao baile, e tão formosa,
Que fez inveja a todas as senhoras;
Muito embora gentis, encantadoras,
Nenhuma era tão bella e magestosa.

Tinha cútis rosada e setinosa,
Tenha no olhar o brilho das auroras,
Tinha as fômas perfeitas, seductoras;
E ella passava altiva e donairoza.

De walsas e sorrisos fatigada,
Assim fallou depois com a criada
A sós, ao toucador vendo as feições:

“Fui rainha do baile! Que patetas
São os homens!... Recolhe nas gavetas
Os dentes, o cabelo, os algodões...”

(D. Marianna Angelica d’Andrade, 1884: 174)

Maria Peregrina de Sousa colaborou no Almanaque com poemas em que é notório o gosto pela reconstituição de tradições populares, dando testemunho do pitoresco, sobretudo na forma linguística.

De uma maneira geral, a poesia das senhoras assume uma feição sobretudo romântica, embora persistam

alguns elementos árcades. Quanto à influência realista, embora anunciada na epígrafe de um poema, não chega a ter expressão no sentido estrito do termo, pois o véu do misticismo acaba por diluir essa intenção. Não deixa também de testemunhar uma função mundana da poesia: versos contidos em álbuns, em fitas, recitados em salões e teatros. Para terminar, dir-se-ia que o elemento comum a estes textos é o de serem mais marcados pela sensibilidade do que pela razão, o que remete para a persistência do cânone ultra-romântico até ao final do século XIX.

Recebido: 06 de janeiro de 2011
Aprovado: 15 de abril de 2011
Contato: manela.lourenco@gmail.com